

Alfredo Pimenta e a Sociedade Martins Sarmiento

Comemoramos agora os centenários do nascimento de Alfredo Pimenta e da fundação da Sociedade Martins Sarmiento, dois marcos da rica história de Guimarães, que, como escreveu Alexandre Herculano, são sempre dois marcos de Portugal, pois tudo o que esta cidade-berço se liga tem cunho nacional.

O encontro, com Alfredo Pimenta e a Sociedade Martins Sarmiento, foi iniciado nos meus onze anos quando comecei a ser leitor assíduo⁽¹⁾ desta Sociedade e a fazer parte do grupo de estudantes que, com José de Pina, fazíamos escavações na Citânia de Briteiros. O conhecimento de Alfredo Pimenta partiu da amizade com seu irmão Rodrigo Pimenta, bibliotecário da mesma Sociedade, grande trabalhador, a quem aqui também quero prestar homenagem ao seu carácter simples e quase que humilde, escondendo um calor humanista raro. A ele devemos muito da nossa cultura nacionalista pelos livros de leitura que nos indicou.

Anos passaram, poucos. Um dia de Março, aniversário de Martins Sarmiento, resolvemos dedicar um número do pequeno *Semanário* que tínhamos, ao grande Homem, que, com outros grandes, — Alberto Sampaio, Abade de Tagilde, — formaram uma trindade, esteio cultural das raízes do nosso Portugal. Consultámos livros, revolvemos manuscritos, um grande espólio que a Sociedade Martins Sarmiento poderá, a pouco-e-pouco, transcrever na sua *Revista*, enriquecendo a cultura.

Homenagem singela, fruto da nossa mocidade, ela traduzia o culto por tão alta personalidade. Com pequenos excertos mostramos o homem, o pensador, o historiador e o arqueólogo, o Mestre da nossa cultura nacionalista.

Foi isto escrito porque nessa altura escrevemos a Alfredo Pimenta pedindo-lhe colaboração para esse número. A sua resposta é a razão do título desta Homenagem dupla.

18 de Maio de 1982

António-Lino

(1) Na Biblioteca histórico-arqueológica.

Eis a resposta:

«A carta em que me pede colaboração para o número do seu magnífico semanário dedicado à memória de Martins Sarmiento, veio a encontrar-me a curar, à antiga portuguesa, uma fortíssima constipação: entre lençóis, com sinapismos de *Rigolot* nas pernas.

Eu queria enviar-lhe um artigo que não me desagradasse e que fosse homenagem digna da minha admiração pelo grande Mestre da minha geração, e eterno Exemplo da Sociedade portuguesa.

Não posso, pois, ainda hoje nem sei como sair de casa, com este nordeste tresloucado e frio que afugenta as decisões mais heróicas dos meus 54 anos, queimados por trabalhos e canceiras sem peso nem medida.

O artigo irá, porém, um dia, logo que me seja permitido escrevê-lo.

Mas não quero faltar à chamada — e aqui estou com esta carta que é uma ficha de presença, e as palavras que ela contém, que são folhas humildes de um ramo singelo, que espalho com devoção sobre o túmulo de Martins Sarmiento.

Guimarães é uma terra digníssima de inteligências superiores e de espíritos notavelmente cultos.

Pelas idades fóra, ela tem afirmado sempre o seu lugar primordial, no campo da Cultura pura.

Sarmiento, dentre os obreiros do Espírito, é um dos primeiros — pela sua alta nobreza dos seus processos, pela puríssima intenção da sua obra, pelos sacrifícios ingentes que fez para a sua realização.

Ele desbravou muita selva virgem e agra, e ensinou a todos nós como se trabalha, com honra e amor.

Alimentei, um dia, o sonho de escrever a biografia de Sarmiento — a biografia que ainda não se escreveu e já se devia ter escrito — mas, grilheta da vida, tendo de amanhar dia-a-dia o pão da minha casa, tenho de pôr de parte sonhos, para me sujeitar ao império das realidades.

Assim, faço o que me é possível: trabalhar. E cada obra que sai do meu trabalho, traz esta pergunta alfinetada: — agradecer-lhe-ia, Sarmiento?

O meu culto por ele é de todos os dias e de todas as horas. Foi talvez a sua existência que rumou a minha existência...

Creia-me, seu muito grato,

Alfredo Pimenta